

JAN 2026

INSIGHTS

A invasão da Groenlândia seria um erro geopolítico histórico

ELABORADO POR

Filipe Prado Macedo da Silva



A invasão da Groenlândia seria um erro geopolítico histórico

Filipe Prado Macedo da Silva*

A hipótese de uma invasão da Groenlândia por parte dos EUA, direta ou disfarçada sob o argumento de “segurança estratégica”, é diplomaticamente indefensável e irracional.

Caso venha a concretizar-se, conformará um dos maiores erros geopolíticos do mundo contemporâneo, comparável apenas às decisões tomadas pela Alemanha ao invadir a Polônia, em 1939, que precipitaram a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

O problema central não está no custo militar imediato, mas nos efeitos sistêmicos: a erosão das alianças, a perda de legitimidade das normas internacionais e o abalo da ordem liberal sustentada pelo Ocidente desde 1945.

Nos últimos dias, repetidas declarações de Trump defendendo que Washington, “gostem ou não”, deveria controlar o território groenlandês geraram uma reação inédita da Europa. Inclusive, a Casa Branca alegou que a “[intervenção militar sempre é uma opção](#)”.

A pedido da Dinamarca, já que a Groenlândia é parte integrante de seu território, [tropas da Alemanha, Suécia, Noruega, Holanda e Reino Unido](#) anunciaram mobilizações conjuntas na ilha do Ártico. Mesmo assim, a Casa Branca sustenta que o presidente Trump continua tendo como objetivo “[tomar](#)” ou “[comprar](#)” a Groenlândia.

Rapidamente, o [Parlamento Europeu divulgou uma declaração conjunta dos líderes dos grupos políticos condenando](#) de forma inequívoca as declarações da administração Trump em relação à Groenlândia, “que constituem um desafio flagrante ao direito internacional, aos princípios da Carta das Nações Unidas e à soberania e integridade territorial de um aliado da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan)”.

Na última quarta-feira, [autoridades da Dinamarca e da Groenlândia](#) conversaram com o vice-presidente dos EUA, JD Vance, e o secretário de Estado, Marco Rubio. Após o encontro, os dinamarqueses afirmaram um “[desacordo fundamental](#)” com Trump sobre o futuro da ilha, embora ambos os lados tenham [concordado em discutir as preocupações acerca da segurança dos EUA na região do Ártico](#).

O pretexto da segurança no Ártico hoje, a disputa por minerais estratégicos amanhã

O argumento da segurança tem sido apresentado como a justificativa imediata. Assim, os EUA sustentam que a Groenlândia seria parte central da sua segurança nacional, sob a [alegação de que Rússia e China](#) estariam ampliando sua presença e influência no Ártico.

A [China](#) respondeu que Washington utiliza terceiros como pretexto para avançar interesses próprios, enquanto [Moscou](#) repudiou o [envio de tropas da Otan à Groenlândia](#), denunciando uma “militarização acelerada” da região.

Na prática, a retórica oficial enquadra a ilha como um ativo defensivo indispensável diante dos [três maiores rivais bélicos da atualidade](#) – EUA, Rússia e China.

No entanto, esse enquadramento tende a ocultar uma dimensão de longo prazo ainda mais relevante. Para além da segurança imediata, o território groenlandês insere-se num espaço que [concentra minerais estratégicos, terras raras e recursos essenciais](#) para a transição energética e para as indústrias de alta tecnologia.

À medida que o degelo amplia o acesso a essas riquezas, o Ártico deixa de ser apenas uma fronteira militar e passa a ser igualmente uma fronteira econômica.

Nesse sentido, o discurso da contenção da Rússia e da China hoje pode funcionar como a base política para, no futuro, assegurar o controle sobre [recursos minerais estratégicos de valor crescente](#).

Um erro estratégico contra aliados, não contra rivais

O problema central é que, ao procurar defender seus interesses contra “potências rivais à hegemonia”, os EUA podem cometer um erro estratégico grave contra os próprios aliados europeus.

A Groenlândia não é um território hostil nem um vazio de poder. Não é o mesmo que atacar o [Irã](#), a [Nigéria](#) ou a [Venezuela](#). Isto porque trata-se de uma região vinculada à Dinamarca, aliada do Ocidente, membro da União Europeia (UE) e membro fundador da Otan.

Assim sendo, qualquer ação coerciva contra a ilha equivaleria, na prática, a um ataque a um aliado – [minando o artigo 5º da Otan](#) – rompendo o princípio fundamental da segurança coletiva euro-atlântica: a confiança mútua entre os parceiros.

À luz da teoria do realismo ofensivo, formulada por John Mearsheimer em *The Tragedy of Great Power Politics*, o comportamento das grandes potências organiza-se em torno de três premissas centrais: a busca permanente pela maximização do poder relativo; o caráter essencialmente instrumental e contingente das alianças; e a baixa tolerância de Estados líderes à autonomia excessiva de seus aliados.

Sob essa perspectiva, as pressões sobre a Groenlândia revelam menos uma necessidade objetiva de segurança e mais uma lógica de hegemonia e controle estratégico dos EUA.

O paradoxo é que tal lógica, quando aplicada aos aliados, gera autossabotagem estratégica. Logo, ao sinalizar que alianças são condicionais e reversíveis, a potência líder enfraquece a credibilidade das garantias de defesa, incentiva a Europa a buscar autonomia estratégica e “sepulta” a própria Otan.

O precedente histórico do colapso normativo

A história oferece um alerta incontornável. Em 1939, o erro de cálculo estratégico de Hitler foi acreditar que o Reino Unido e a França não reagiriam militarmente à invasão da Polônia. O resultado foi a eclosão da Segunda Guerra Mundial (veja Martin Gilbert, em *A Segunda Guerra Mundial: a história completa*, vol. 1).

Evidentemente, a Groenlândia de 2026 não é a Polônia de 1939. Contudo, a dinâmica dos acontecimentos é perigosamente semelhante: quando grandes potências passam a tratar a soberania como variável negociável, o sistema internacional entra em rota de colapso.

Os custos de uma invasão da Groenlândia seriam menos militares e mais normativos. O Ocidente construiu sua legitimidade internacional no pós-Segunda Guerra Mundial com base na defesa da soberania, da integridade territorial e do direito internacional.

Nesse sentido, a advertência de Emmanuel Macron é central. “[A violação da soberania da Groenlândia acarretaria consequências em cascata sem precedentes](#)”.

Se ocorrer, a invasão da Groenlândia será lembrada como o maior erro geopolítico do pós-guerra.

*Professor e Pesquisador do Instituto de Economia e Relações Internacionais (IERI) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Experto em Europa e União Europeia. Líder do “[Conexão Bruxelas](#) | [Grupo de Estudo sobre Europa e União Europeia](#)”. E-mail institucional: filipe.prado@ufu.br

INSIGHTS